

**GT 21 Educação e Relação Étnica Racial****IMAGENS E IMAGINÁRIO NAS REPRESENTAÇÕES DE ESTEREÓTIPOS  
ÉTNICOS DE CRIANÇAS ESCOLARIZADAS**Karla Cristina Silva Sousa (UFRN)<sup>1</sup>**1 INTRODUÇÃO**

Nesta pesquisa discuto os estereótipos étnicos<sup>2</sup>. Os estereótipos étnicos não vinculados à narrativa dos adultos, mas sim à narrativa das crianças. Tento observar mais de perto como as crianças fazem representações sociais dos negros e como compartilham suas crenças e valores a partir dos estereótipos étnicos. Estudos realizados no Brasil mostram que os estereótipos<sup>3</sup> são os mais recorrentes em relação à representação sobre o negro em nossa sociedade. Por este motivo cabe, primeiramente, nesta pesquisa, perguntar sobre os estereótipos, sobre seus significados e representações na sociedade brasileira. Encontro em Gahagan (1980, p.70) a seguinte definição,

Um estereótipo é uma supergeneralização: não pode ser verdadeiro para todos os membros de um grupo [...]. O estereótipo é, provavelmente, muito inexato como descrição de um dado sujeito [...], mas não dada qualquer outra informação, constitui uma conjectura racional. Um desses traços levaria então à inferência de outros traços [...].

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Professora Assistente II da Universidade Federal do Maranhão.

<sup>2</sup> Escrevo na primeira pessoa do singular por uma questão metodológica compartilhada por Gonçalves (2003, p.15) que afirma “o trabalho científico não é anônimo nem imparcial, mas tem autoria e, assim, posição demarcada no próprio campo científico. Uma tentativa de burlar a norma e esconjurar o fantasma positivista que entende a escritura (nos sentidos que tem este significante) como sinal da neutralidade axiológica”. É um meio que encontrei para tornar o meu texto científico mais próximo ao meu leitor. Denomino minha atitude, a exemplo de Gonçalves, de heresia ao positivismo que ainda impregna os nossos textos científicos.

<sup>3</sup> A exemplo: Bastide e Florestan (2008), Schwarcz (1993), Bastide (1993), dentre outros.

Baptista, (1996, p.2) argumenta que o termo estereótipo foi introduzido pela primeira vez nas Ciências Sociais por meio da obra intitulada *Public Opinion* (1922) do jornalista Walter Lippmann<sup>4</sup>, no qual expunha as influências das concepções nacionalistas etnocêntricas nas relações políticas entre os países durante a Primeira Guerra Mundial. O estereótipo<sup>5</sup> é uma noção que pode ser estudada conforme duas perspectivas diferenciadas, porém de certo modo complementares: do ponto de vista cognitivo, enquanto (*shema*)<sup>6</sup>, ou numa perspectiva de cunho social, enquanto produto da interação social (TAJFEL, 1980). Do ponto de vista cognitivo dá-se ênfase ao processo de construção dos estereótipos; do ponto de vista social acentua-se os conteúdos categoriais. Os estereótipos são constituintes de nossa memória<sup>7</sup> sobre um indivíduo ou grupo de indivíduos, eles também nos permitem reconstruir a memória que temos destes de modo a alterar a realidade na qual está inscrito de modo “a que estes se encontrem de acordo com o estereótipo que já se detém” (LIMA, 1997, p.3).

O conceito de RS tem origem na Sociologia e marca presença na Antropologia e na História, sendo conveniente localizar o lugar de onde emerge o conceito. O conceito de representação coletiva (RC) pode ser encontrado originalmente nas formulações feitas por Émile Durkheim, especificamente quando elabora sua Teoria da religião, da magia e do pensamento místico. Para Durkheim (1978) os fenômenos coletivos não poderiam ser explicados em termos individuais porque o indivíduo não seria capaz de criar uma língua ou mesmo uma religião. Estes fenômenos só seriam admissíveis em termos de comunidade, ou seja, de um povo, de uma sociedade. Ele parte do entendimento de que os fatos sociais são coisas, por isto, as representações coletivas simbolizam a primazia da sociedade em detrimento do homem, a sociedade exerce ação coercitiva sobre as consciências individuais. As representações coletivas são, na visão do autor, sistemas de ideias que em conjunto com ritos e cultos, compõem um sistema de práticas que exprimem o mundo (DURKHEIM, 1978).

---

<sup>4</sup> Cf. BATISTA, 1996.

<sup>5</sup> Atualmente, segundo Pereira (2002, p.45) os estereótipos foram definidos como crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contêm informações não apenas sobre estes atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados. Já a estereotipização define-se como o processo de aplicar um julgamento estereotipado a um indivíduo de forma a apresentá-lo como portador de traços intercambiáveis com outros membros de uma mesma categoria (*Ibidi*, p.46). O termo estereotipia é derivado do conceito de estereótipo, a estereotipia é uma tecnologia tipográfica capaz de reproduzir inúmeras cópias. Ela é resultado da intolerância e da ignorância, refere-se àquilo que é diferente e que causa estranhamento, que ameaça.

<sup>6</sup> *Schema* em DURAND (2002, p.59) aproxima-se deste sentido “signos, imagens, símbolos, alegorias, emblemas, arquétipos, esquemas (*schemas*), esquemas (*schemes*), ilustrações, representações”, ou seja, o símbolo-motor que presentifica os gestos e pulsões inconscientes.

<sup>7</sup> Sobre memória coletiva ver LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

O ponto de partida da TRS é a obra de Moscovici *La psychanalyse, son image, son public*, matriz da teoria. Moscovici (1978) procura compreender as maneiras pelas quais a psicanálise era representada, ao sair de grupos fechados, pelos grupos populares. A motivação do autor para desenvolver o estudo das representações sociais advém de sua crítica ao positivismo-funcionalismo que não explicavam a realidade em outra dimensão (Moscovici, 1978). A TRS operacionaliza um conceito que nos permite trabalhar com o pensamento social e sua diversidade. As RS são construídas no universo consensual, na sociedade, na esfera do NÓS, onde grupos podem falar com a mesma competência. O indivíduo tem papel ativo e autônomo no processo de construir a sociedade, ele cria e é criado por ela. Em Moscovici (1978, p.59) “as representações individuais ou sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser”, sendo assim, estudar os estereótipos contidos nas representações sociais permite ver como os negros são representados pela sociedade por meio dos estereótipos étnicos. A Representação é um traço, uma marca característica, que nunca é dada definitivamente, e está em constante aproximação e recriação de sentidos. Elas são produtos simbólicos nos quais o homem expressa sua maneira de ver o mundo, correspondendo a

Um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais, podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1978, p.181).

O estereótipo é então um produto social fruto das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, determinados sociologicamente porque são visões que temos acerca das relações sociais. Ele funciona como uma “crença generalizada, que combina cognição com afetividade” (LIMA, *op.cit*), ou crenças múltiplas, conforme Bhabha (2007), por funcionarem desta maneira eles se auto justificam e se perpetuam fazendo com que os indivíduos estereotipados se comportem tal qual a estereotipia a qual lhe conferiram. Concebo os estereótipos de duas formas diferenciadas: uma delas entende que eles são estruturas representáveis dentro das mentes individuais, a outra, concebe que estes são representados como elementos que inerentes à sociedade, sendo “amplamente compartilhados pelas pessoas que convivem no interior de uma mesma cultura” (PEREIRA, *op.cit*, p.52). Destarte, eles funcionam como representações sociais e enquanto tal “a representação social é mais do que o estereótipo, mas este constitui uma parte importante da representação social” (TAJFEL, 1980, p.22). Neste sentido, cabe entendermos o que é a representação social e sua relação com o

estereótipo, pois ele é produto de relações sociais que os grupos mantêm. A minha convicção de que o conjunto de crenças, valores, atitudes e concepções das crianças acerca dos estereótipos não são puramente individuais, levou-me à Teoria das Representações Sociais e ao Paradigma do Pensamento Complexo. Minha insatisfação com explicações puramente objetivas e imparciais para o estereótipo orientou-me na busca de um referencial teórico-metodológico que não separasse as dimensões individual e social do sujeito humano. É Moscovici (2003, p.41) quem explica o que são representações:

Representações obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas das quais ela nasceu [...] sendo compartilhada por todos e reforçada pela tradição, ela constitui uma realidade social *sui generis*.

Conforme Spink (2008), a diversidade de estudos sobre as representações sociais se dá em perspectiva multidisciplinar ou mesmo no âmbito de uma mesma área de conhecimento, como o caso da Psicologia Social<sup>8</sup>. Assim, interessou-me, sobretudo, a abordagem psicossocial das representações dentro da Psicologia Social, por possibilitar a explicação de crenças, valores e atitudes partilhadas pelas crianças referentes aos estereótipos étnicos em suas relações sociais, afinal, como mostrarei os estereótipos são uma forma de representação social, visto que estes são ancorados e objetivados pelas crianças de forma socialmente partilhada. Quero dizer que as representações sociais não se manifestam apenas no espaço discursivo, espaço este privilegiado de expressões de representações, foi preciso ficar atenta a outras formas *sutis* de expressões, nem sempre explícitas no discurso. Daí a utilização do diário de campo registrando gestos, expressões corporais, brincadeiras, **confeção de desenhos** e posturas das crianças.

Tendo em vista estes aspectos, o trabalho com as crianças focalizou o momento no qual estas representam os estereótipos étnicos, por isto, entendo a infância como um período cronológico específico referente a uma situação sociocultural na qual o indivíduo conhecerá as responsabilidades do mundo adulto e que, porém, possui características próprias que possibilita refletir sobre esta fase tão especial do ser humano; o mundo infantil não é o mundo

---

<sup>8</sup> LANE, Silvia T. Maurer. O que é psicologia social. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção primeiros passos; 39).

do adulto. Se as crianças são socializadas<sup>9</sup> em espaços racistas, isto trará consequências sobre a forma como cada uma pensa a si mesma e aos outros, o eu que é diferente de mim, assim trago neste artigo a análise das imagens que as crianças possuem sobre o negro e seu modo de vida.

## 2 PROCESSOS METODOLÓGICOS

O estereótipo precisa ser estudado numa perspectiva, psicossocial, sociológica, antropológica; tais áreas estão diretamente ligadas aos estigmas e ao preconceito como condutas racistas. É importante ver como os sujeitos que sofrem preconceitos representam os estereótipos étnicos. Para conseguir captar o fenômeno, é necessário adotar metodologias que permitam a consecução dos objetivos de pesquisa, já colocados anteriormente, bem como as dúvidas existentes acerca do fenômeno, pensando assim, o estudo feito tem características qualitativas e tem como objetivo compreender os fenômenos sensório-perceptivos de apreensão do real pelos sujeitos, quer dizer, tenta compreender os fenômenos do ponto de vista dos sujeitos que vivenciam, bem como na perspectiva do pesquisador (LEOPARDI, 2002). Por ter esta característica a pesquisa qualitativa é permeada de subjetividade constitutiva do social, na qual as representações sociais configuram-se. Sendo assim, a pesquisa qualitativa requer abertura, flexão, observação e interação com os atores sociais.

As informações obtidas acerca do pensamento dos sujeitos-atores<sup>10</sup>, a observação e análise ocorreram por meio da aplicação de um conjunto de atividades que buscaram evidenciar como ocorre a representação dos estereótipos étnicos nas crianças escolarizadas. Juntamente às entrevistas, outras situações foram propostas aos sujeitos-atores, incluindo observação e diálogos a partir das atividades desenvolvidas por eles, o que permitiu a tabulação de dados discursivos em pesquisa qualitativa. Por isto, a coleta de material para apreensão das representações se dá por metodologias múltiplas que podem ser entrevistas, questionários, observações, pesquisa documental, tratamento de textos escritos e imagéticos, banquete imaginário, dentre outros. Esta pesquisa foi desenvolvida com crianças pertencentes a uma escola municipal localizada no bairro do Sol e Mar, periferia de São Luís. O bairro é

---

<sup>9</sup> Em Bonnewitz (2003, p.76), a socialização é compreendida como “conjunto de mecanismos pelos quais os indivíduos realizam a aprendizagem das relações sociais entre os homens e assimilam as normas, valores e crenças de uma sociedade ou de uma coletividade”.

<sup>10</sup> Ou atores sociais, estes, segundo Oliveira (2005, p.124), “são as pessoas que fazem parte do objeto de estudo”.

formado em sua grande maioria por famílias mestiças<sup>11</sup>, o que caracteriza a escola com um grande número de alunos “mestiços”.

- ✓ **Amostra:** as crianças participantes do estudo compõem uma amostra total de 60 sujeitos. Todos cursam a 3ª e 4ª séries do ensino fundamental. A escolha da 3ª e 4ª séries para a realização da pesquisa deve-se ao fato das professoras destas séries mostrarem-se receptivas à pesquisadora. Destaco ainda que a divisão em 3ª e 4ª séries é algo puramente didático, para termos de melhor entendimento quanto à escolarização das crianças, pois atualmente a Prefeitura Municipal de São Luís adotou o sistema de ciclos, assim, as crianças participantes desta pesquisa estão no chamado 2º ciclo da educação básica.
- ✓ **Procedimentos:** primeiramente, entrei em contato com a Secretaria de Educação Municipal, responsável pela Rede de Ensino Fundamental, da qual faz parte a escola em questão. Para realização do estudo solicitei permissão para o desenvolvimento de tal propósito. Posteriormente, antes do início da coleta de dados a escola foi procurada: direções, os professores e os alunos. O estudo, tendo em vista o supracitado, foi realizado dentro do horário escolar com duas salas de 3ª e 4ª séries. As professoras com as classes nas quais trabalhei me cederam um horário para que eu pudesse realizar as atividades. O trabalho foi realizado na sala de leitura, local, amplo e confortável, com muitos livros, cadeiras, almofadas, mesas nas quais as crianças puderam se sentar lado a lado. A idade das crianças varia de 9 a 10 anos. Trabalhei com 60 crianças às quais 19 eram não-negras, 41 negras (segundo classificação dada pela pesquisadora tomando os aspectos fenotípicos).

### 3 DISCUTINDO OS RESULTADOS DA PESQUISA

Para compreender melhor como as crianças representam a escola e como esta por sua vez relaciona-se com os estereótipos étnicos, apesar de não ser o objetivo central da pesquisa parti do princípio de que não é a situação em si que define o sujeito, mas sim as representações que ele tem dessa situação, logo, estudar as representações é analisar os fatores cognitivos e simbólicos que constituem as construções e concepções que um sujeito tem sobre determinado fenômeno social. Para isto, o estudo necessitou também observar a relação entre a representação e o comportamento, ou seja, a ação (Abric, 1994).

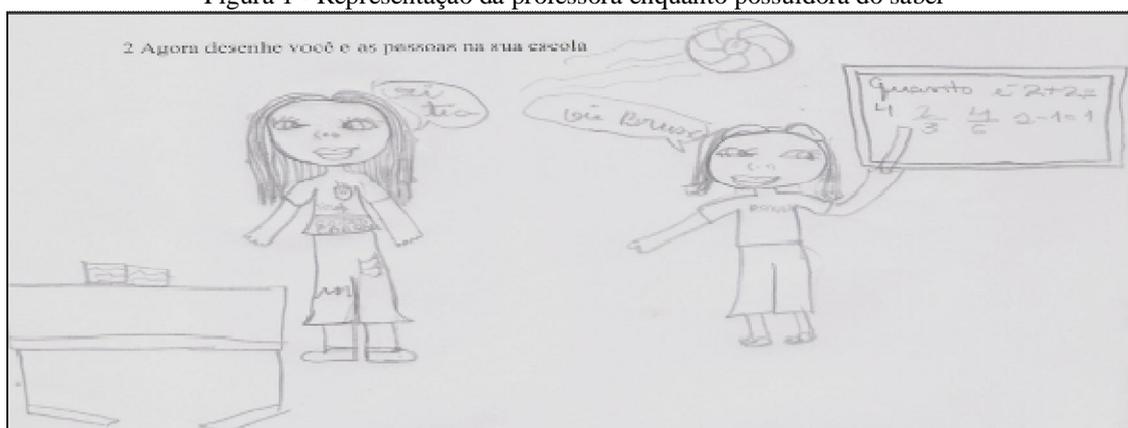
---

<sup>11</sup> Utilizando classificação dada pelo IBGE.

Compreendendo a escola como uma das instâncias que promovem o desenvolvimento humano em sua amplitude, me propus buscar entender uma pequeníssima dimensão do processo de ancoragem e objetivação nos quais as crianças representam a escola enquanto espaço de conhecimento, mas também enquanto espaço de difusão de estereotípias étnicas. Sob esta perspectiva organizei a análise dos desenhos em três etapas: pré-análise, descrição analítica e interpretação, discussão dos resultados. Os resultados temáticos de análise do conteúdo indicaram as seguintes categorias: **espaço da escola, personagens, símbolos.**

As análises dos desenhos sobre o **espaço escola**, obtidos pela técnica da indução de metáfora sobre a escola apontam dois conjuntos de elementos simbólicos que podem ser compreendidos como composição de duas representações sociais diferenciadas sobre a imagem da escola. O primeiro conjunto caracteriza-se pela materialidade. Essa tendência pode ser traduzida quanto aos aspectos que caracterizam o espaço escolar, este espaço é constituído por uma área interna que tem a sala de aula como o ambiente mais característico. Na área externa, temos o pátio, jardim, quadra de esportes e a frente da escola que aparece em grande destaque nos desenhos. Os materiais didáticos também aparecem nas representações das crianças: giz, apagador, livros, carteiras.

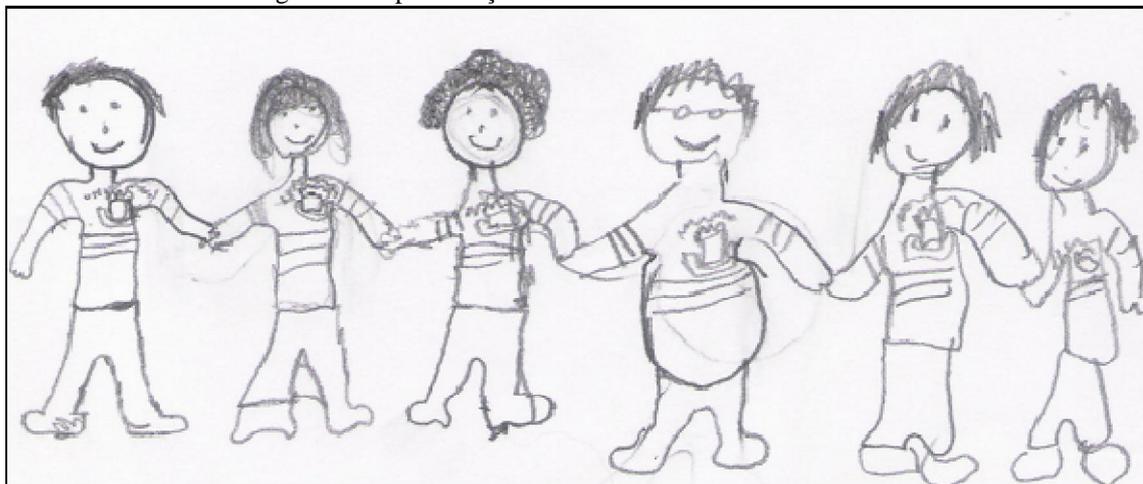
Figura 1 - Representação da professora enquanto possuidora do saber



O segundo conjunto de representações sobre a escola enfatiza o espaço de relação. A representação é marcada pelas relações entre os **personagens** professor, alunos. A eles foram associados o interior do espaço escolar, símbolos afetivos, relações amorosas, e os materiais didáticos. Há forte presença da sensibilidade, afetividade e amorosidade, mas este espaço de

amorosidade é também um espaço de perversidade, quando as crianças são atingidas pelos estereótipos.

Figura 2 - Representação da escola como um local de harmonia

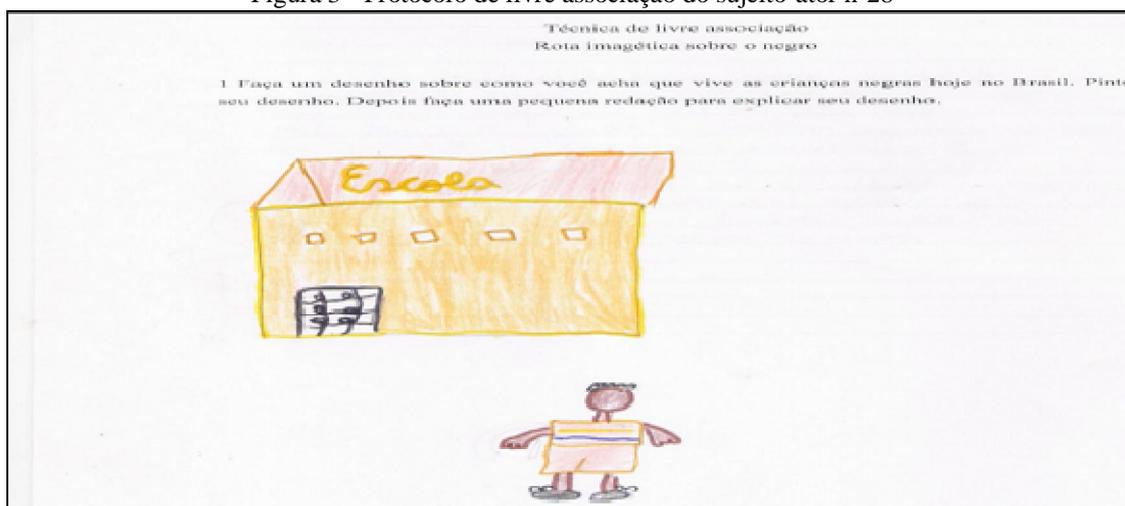


Os desenhos da escola são o primeiro conjunto de informações que me permitem ver como a escola é representada pelas crianças. Ao lado dos desenhos temos as que nos dão maior dimensão dos conjuntos de elementos simbólicos. Isto porque estudar a elaboração e o funcionamento de uma representação social implica em compreender sua composição ou sua organização. Isto é levar em conta o que Moscovici (1978) propôs. Para ele, existem três dimensões nas quais os conteúdos de uma representação podem ser organizados: campo de representação ou da imagem, campo da informação e o campo da atitude. A escola é uma extensão da família<sup>12</sup>. **No campo da atitude**, que diz respeito às disposições afetivas ou orientações positivas ou negativas em relação o objeto representado, como ponto positivo a escola configura como um lugar de **status**, lugar de aprender, local da cultura, conforme Bhabha (2007). Vejam-se as imagens produzidas pelas crianças as quais reforçam os estereótipos étnicos em relação ao negro. A força da imagem é a força da representação social que possuímos sobre os negros:

<sup>12</sup>

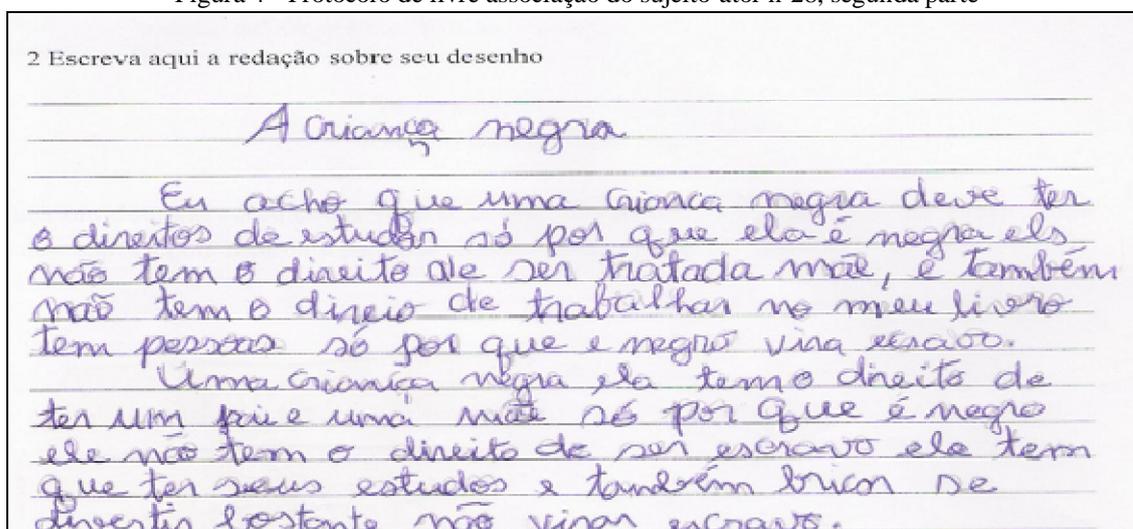
O espaço da rua não se acha separado do espaço da casa, tal como demonstra Damatta (2000).

Figura 3 - Protocolo de livre associação do sujeito-ator nº28



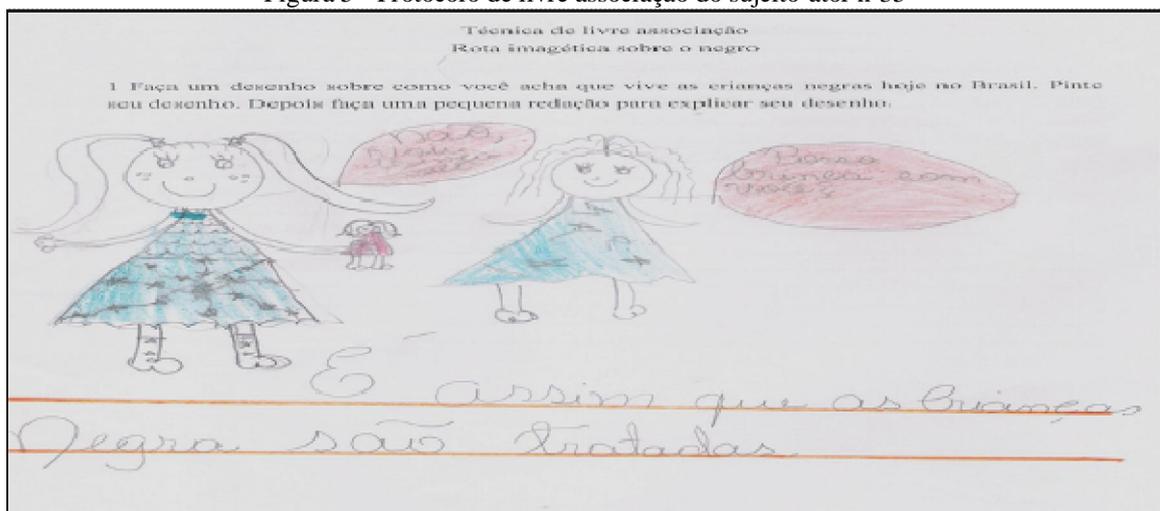
A figura 3 é o protocolo de livre associação do sujeito-ator nº 28, um menino de 10 anos, sua objetivação sobre a discriminação ocorre da seguinte maneira: ele desenha uma criança negra uniformizada e uma escola. Mas apesar de estar uniformizada, a criança encontra-se do lado de fora da escola. E a escola por sua vez está com os portões fechados, aliás, estes são portões de grades. A escola não está aberta para a criança negra. Sua entrada não é permitida. A escola está representada com uma dimensão ampla, pois ela é socializadora do conhecimento. A criança negra está numa dimensão pequena como se nunca pudesse estar no mesmo plano da escola.

Figura 4 - Protocolo de livre associação do sujeito-ator nº28, segunda parte



A ancoragem da criança é feita do seguinte modo, de acordo com o seu nível de informação sobre o objeto representado: *“Eu acho que uma criança negra deve ter o direito de estudar, só porque ela é negra ela não tem o direito de ser tratada mal, e também não tem o direito de trabalhar. No meu livro tem pessoas só porque é negro virou escravo. Uma criança negra tem o direito de ter um pai e uma mãe, só porque é negro não tem o direito de ser escravo, ele tem que ter seus estudos e também brincar, se divertir bastante e não virar escravo”*. A ancoragem desta criança é bastante significativa, pois ela ancora suas representações baseada naquilo que vê nos livros e acaba representando o estereótipo do negro como escravo, como alguém que não tem seus direitos básicos preservados e assegurados.

Figura 5 - Protocolo de livre associação do sujeito-ator nº35



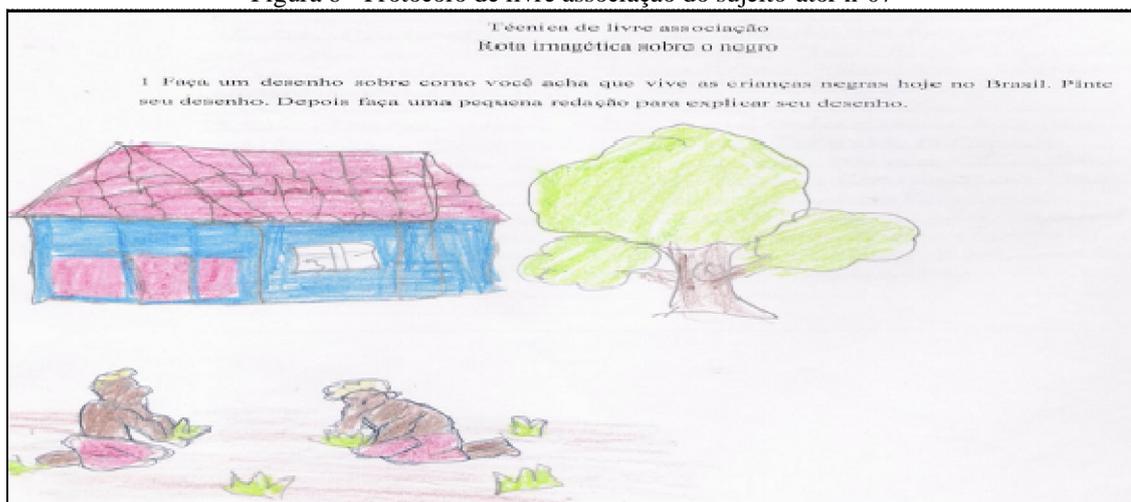
A criança que produziu este protocolo é uma menina de 9 anos de idade, negra. Ela objetiva o preconceito retratando uma criança branca e uma negra colocando um diálogo entre ambas. A criança negra, conforme a legenda diz: *“posso brincar com você?”* e a branca responde: *“Não Vou brincar com você”*. Logo abaixo a criança termina sua objetivação com a seguinte legenda: *“É assim que as crianças negras são tratadas”*. Veja que apesar de não ter pintado o desenho das crianças, esta menina faz os desenhos com as características das etnias em questão. A criança branca tem cabelos longos e lisos e a criança negra tem os cabelos encaracolados. A criança ancora a categoria preconceito da seguinte forma: *“As crianças negras nunca pode brincar com branca porque sempre tem racismo, são rejeitadas. Vamos mudar isso não deixar de lado as pessoas negras. Vamos ama a todos de um jeito só.*

É isso que eu penso”. A questão central nas representações de estereótipos é uma metáfora reprodutiva que oferece uma imagem do negro em oposição ao branco.

Esta imagem que a criança faz parece ter sido adquirida muito cedo, desde sua mais tenra idade no seu seio social. Moscovici *apud* Duveen (2008, p.286) se refere ao núcleo figurativo das representações sociais “uma estrutura em imagem que reproduz uma estrutura conceitual de maneira visível”. O maior exemplo gráfico dos aspectos icônicos das representações sociais dos estereótipos étnicos em no estudo se refere à evocação que a criança faz do negro como maltratado, discriminado, sem direitos, escravo, trabalhador, não-livre, infeliz. Estes estereótipos são significativos, dizem respeito ao **nível afetivo** da representação social.

A objetivação da criança corresponde exatamente à ancoragem que ela faz sobre o negro a partir do nível de informações que ela tem, sem esquecer a dimensão emocional das representações até aqui apresentadas, pois em todos os protocolos o nível afetivo da representação aparece ao lado dos níveis de informação e sociocultural. Essa “estrutura conceitual influencia o modo como a criança interpreta o mundo à sua volta, enquanto que sua participação na vida coletiva fornece ao andaimes que vão conferir legitimidade adicional a essa estrutura conceitual” (DUVEEN, 2008, p.287).

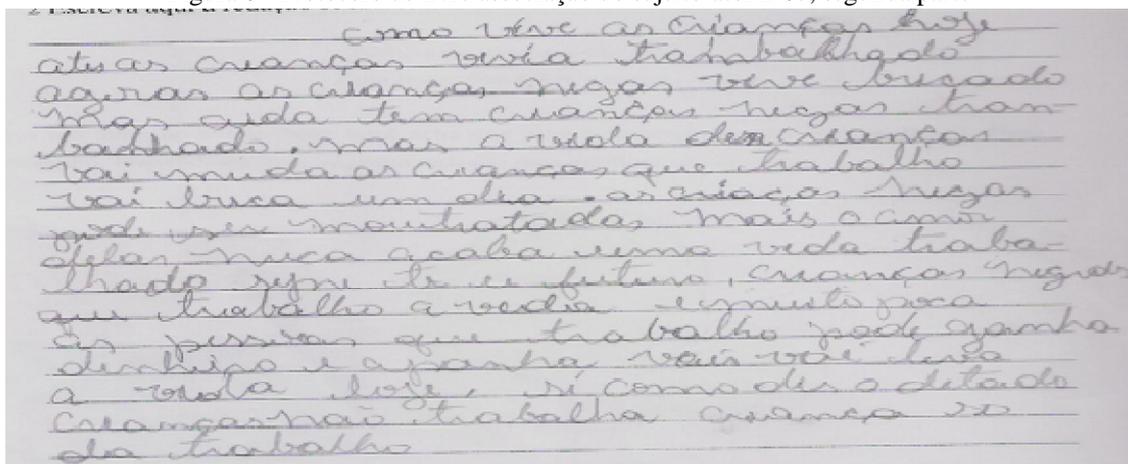
Figura 6 - Protocolo de livre associação do sujeito-ator nº07



Este protocolo foi representado pelo sujeito-autor nº 7, uma menina negra, com 10 anos de idade. A objetivação da criança é bem sugestiva e marca os momentos de escravidão do negro. No desenho pode-se visualizar a representação estereotipal que a criança possui em

relação ao povo negro. Ela representa duas pessoas negras trabalhando em uma espécie de lavoura. Como na época da escravidão. Na parte superior do desenho temos uma casa-grande. Os negros não têm acesso à casa-grande, as portas estão fechadas e as janelas também; as janelas parecem ser de vidro, como se lá de dentro alguém estivesse espiando o trabalho realizado. Gilberto Freyre (2008) comenta que os senhores ou senhoras gritavam da janela da casa-grande por seus escravos, ou mesmo ficavam espiando o trabalho destes. O desenho não mostra nenhuma perspectiva de mudança da condição de escravo. O negro para esta criança é sinônimo de escravo. Este estereótipo é muito recorrente nas representações das crianças. Veja sua ancoragem.

Figura 8 - Protocolo de livre associação do sujeito-ator nº07, segunda parte



Ancoragem: “até as crianças viviam trabalhando, agora as crianças vivem brincando. Mas ainda tem crianças negras trabalhando. Mas a vida dessas crianças vai mudar. As crianças que trabalham vai brincar um dia. As crianças negras podem ser maltratadas, mas o amor delas nunca vai acabar. Uma vida trabalhando sem futuro. Crianças negras que trabalham a vida é muito pouca. As pessoas que trabalham pode ganhar dinheiro e apanhar, mas como é que pode se o ditado diz: crianças não trabalham?”. A ancoragem da criança é muito forte no aspecto de sofrimento a que os negros foram submetidos, destacando-se o nível afetivo da representação social. Para a criança os negros foram e são escravos, pois o açoite ainda existe nos dias de hoje, apesar dela admitir que hoje em dia as crianças negras brinquem. É o estereótipo do sofredor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o visto até aqui as representações sociais possuem uma organização com características e uma estrutura que se organizam em torno de um núcleo central. Este, por sua vez, é constituído de um ou mais elementos que dão à representação um significado. Sendo o núcleo central mais a parte mais rígida da representação, noto que os estereótipos étnicos encontram-se justamente originados neste núcleo, portanto, o núcleo central é a parte mais rígida à representação, ou seja, a fração mais resistente às mudanças, ele tem a característica de definir a estrutura e o funcionamento da representação. Como os estereótipos étnicos são uma forma de representação social, eles se configuram nesta rigidez do núcleo central. Deste momento, observa-se que as formas e expressões do racismo e seus estereótipos mudam de forma significativa a tal ponto de pensarmos que eles não existem mais.

Com efeito, a partir do estudo sobre os estereótipos étnicos nas representações das crianças, tomando por base as imagens produzidas e verbalizadas por elas, posso dizer que, no Brasil, a ocorrência de estereótipos dados aos negros indica uma nova e sofisticada forma de preconceitos, visto que os estereótipos atribuídos pelas crianças definem os papéis sociais para este grupo. Se antes o estereótipo era do negro escravo, hoje, além deste, o estereótipo recorrente é do negro pedinte, vendedor de suquinho, trabalhador escravo via trabalho infantil, pobre, usurpado do direito de frequentar a escola. Alguns estereótipos permanecem inalterados na percepção das crianças, o negro é escravo, trabalhador braçal, passivo de maus tratos dos senhores, porém, a pesquisa empírica comprova novos estereótipos étnicos em relação ao negro, o que comprova da fala de Moscovici (2003) quando afirma que as representações sociais são passíveis de mudanças.

A pesquisa também permitiu extrair algumas implicações pedagógicas. Ao enfatizar a necessidade de se proporcionarem oportunidades para a criança refletir sobre seus sentimentos, vivenciar condutas pró-sociais e de interagir com outras crianças, o estudo evidenciou a importância de a escola voltar-se para problemas atuais e deles extrair pontos que devem constituir objetos de conhecimento. A formação de imagens das crianças sobre os negros é afetada e permeada por signos e sentidos construídos socialmente, ou seja, aquilo que foi produzido nas relações e que se estabilizou e foi acordado pelas pessoas, isto é, nas palavras de Moscovici (2003, p.24), se *convencionalizou*, deixando marcas que podem

persistir e perdurar, de alguma forma não só nos indivíduos, mas também nas relações entre as pessoas.

Constato que grande parte das imagens e diálogos provenientes das crianças, é carregada de sofrimento e dor, as imagens e diálogos transcendem o sofrimento do passado, para uma situação de constrangimento no presente. São imagens que causam um sentimento de estranheza, segundo o depoimento das mesmas. A representação do negro estereotipada é resultado de uma construção coletiva, ninguém cria novas imagens individualmente, grupos de pessoas criam e, uma vez criadas, tomam corpo, adquirem vida própria e através dos veículos de comunicação tornam-se senso comum. Moscovici (2003) adverte que as representações sustentadas pela comunicação constituem a realidade de nossa vida cotidiana e servem como o principal meio para estabelecer as associações que nos ligam.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean Claude. **A organização das representações sociais: sistema central e sistema periférico.** São Paulo: Vozes, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras Lições sobre a Sociologia de Pierre Bourdieu.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: Mec, 2005.

CASTRO, Mary Garcia, ABRAMOVAY, Miriam. **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade.** Brasília: UNESCO-INEP, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane (Org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2000.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A imaginação simbólica.** Lisboa: Edições 70, 1993. (Novas perspectivas do homem, v.45).

DURKHEIM, E. **as formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril cultural, 1978. (Os pensadores).

FERNANDES, Florestan; BASTDE, Roger. **Branços e Negros em São Paulo**. São Paulo: Global, 2008.

\_\_\_\_\_. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difel, 1972.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FRANÇA, Dalila Xavier, Monteiro, Maria Benedita. **A expressão das formas indirectas de racismo na infância**. Brasília: MEC, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da sociedade patriarcal**. 50.ed. São Paulo: Global, 2005.

GONÇALVES, Maria de Fátima Costa. **A reinvenção do Maranhão dinástico**. In: ENCONTRO DE ANTROPÓLOGOS DO NORDESTE. São Luís: ABANNE, 2003.

GUIMARÃES, A. S. A. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 34. ed. São Paulo: FAPESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. São Paulo: Cortez, 2008 (Coleção Preconceitos, v.6).

\_\_\_\_\_. “Raça”, racismo e grupos de cor no Brasil. **Estudos Afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 27, 1995.

JODELET, Denise (Org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção primeiros passos; 39).

LEOPARDI, Marai Tereza. **Metodologias de pesquisa em saúde**. 2.ed. Florianopolis: UFSC, 2002.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8.ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2004.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. (Coleção Epistemologia e Sociedade)

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais:** investigações em Psicologia Social. 3.ed. Petropolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como Fazer pesquisa qualitativa.** Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

PEREIRA, João Batista Borges. **Cor, profissão e mobilidade:** o negro e o rádio de São Paulo: Pioneira, 1967.

SÁ, C. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação:** a observação. Brasília: Líber Livro Editora, 2007 (Série pesquisa, v.5).